

Universidades Lusíada

Moreira, César Alexandre Gomes Machado

A arquitectura como A-POC

<http://hdl.handle.net/11067/435>

Metadata

Issue Date	2010
Abstract	Procura-se reflectir sobre as relações da arquitectura com outras "artes" úteis, tais como a culinária e o fabrico de roupa recorrendo a um dos autores que melhor se manifestou sobre esta problemática, Adolf Loos. Tendo por base as leituras de alguns dos seus escritos mais simbólicos, tais como Ornament und Verbrechen, 1908 ou Architektur, 1910, estabelece-se pontualmente paralelos com autores de outras áreas de forma a identificar um conjunto de questões que se consideram pertinentes no context...
Keywords	Loos, Adolf, 1870-1933 - Crítica e interpretação, Arquitectura - Filosofia
Type	article
Peer Reviewed	No
Collections	[ULL-FAA] RAL, n. 2 (1.º semestre 2011)

This page was automatically generated in 2018-11-16T02:32:57Z with information provided by the Repository

A ARQUITECTURA COMO A-POC

César Alexandre Gomes Machado Moreira¹

RESUMO

Procura-se reflectir sobre as relações da arquitectura com outras "artes" úteis, tais como a culinária e o fabrico de roupa recorrendo a um dos autores que melhor se manifestou sobre esta problemática, Adolf Loos. Tendo por base as leituras de alguns dos seus escritos mais simbólicos, tais como *Ornament und Verbrechen*, 1908 ou *Architektur*, 1910, estabelece-se pontualmente paralelos com autores de outras áreas de forma a identificar um conjunto de questões que se consideram pertinentes no contexto desta temática.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura; Moda; Ornamento; Cultura.

ABSTRACT

The aim is to think about the relations of the architecture with other arts, such as the cooking and the clothing production through one of the authors who better disclosed on this problematic, Adolf Loos. Based on the reading of some of its most symbolic writings, such as *Ornament und Verbrechen*, 1908 or *Architektur*, 1910, we can establish a parallel with authors from other subjects, to identify a set of questions that are considered relevant in the context of this thematic.

KEY-WORDS

Architecture; Fashion; Ornament; Culture.

Em 2002 Josep Quetglas intitulou um breve texto sobre Adolf Loos de "Lo Placentero"². Conhecendo-se o interesse do autor por A. Loos e as diversas reflexões que lhe dedicou, rapidamente nos apercebemos que o título não se refere à personagem, essa imaginamos pelas descrições, tratar-se de alguém alegre e gracioso.

Com "Placentero", Josep Quetglas aponta à escrita satírica de Adolf Loos, onde "... todos os seus escritos contêm um fundo moral e vão sempre além do seu objectivo; da ironia de uma polémica contingente passando de seguida para a concretização de uma norma de carácter moral..."³, numa permanente oposição aos modos de pensar e fazer estabelecidos na sua época. Um novo olhar que em muitos aspectos se apresenta contemporâneo e que nos leva à identificação de referências actuais, em diferentes campos, que concorrem para esta reflexão.

"...the A-POC brand called "Queen." It's a long tube that stretches for several dozen meters. If you cut out a section, you'll receive all sorts of things: socks, bras, skirts, panties, as well as a pouch for a water bottle, a bag, a one-piece dress, and a hat. Everything is embedded within one tube, so you can roll it up to make it into a pillow. You can take it on a plane with you;

¹ Doutorando na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Docente da Universidade Lusíada da cadeira de projecto III desde 2001. E-mail: cmmoreira@ezzo.pt.

² QUETGLAS, Josep, "Pasado a Limpio, I", Barcelona, Editorial Pre-Textos, COAC, 1ª edição, 2002, pp. 57.

³ ROSSI, "Aldo, Adolf Loos: 1870-1933", (originalmente publicado na Casabella Continuità, n.º 233, 1959), in Para uma Arquitectura de Tendência, Escritos: 1956-1972, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1977, pp. 49.

and when you arrive, you can cut it open and dress yourself. This is what A-POC is all about.”⁴



Kries, Mateo, “A-Poc Making: Issey Miyake and Dai Fujiwara”, Weil am Rhein, Vitra Design Museum, 2002

Quando em 1999 o designers e estilista Issey Miyake em parceria com Dai Fujiwara apresentaram a linha de roupa, A-POC (A piece of Cloth), expressando uma aproximação visionária do vestuário para o mundo moderno, a ideia era simples, cobrir o corpo humano com uma única peça de vestuário que se pudesse adaptar a qualquer pessoa e a qualquer uso. Uma peça de vestuário que, na sua essência, era uma herança ancestral motivada, desde sempre, pela necessidade do ser humano se cobrir e abrigar onde quer que esteja.

Um século antes, numa conferência na cidade de Viena, Adolf Loos explanou que desde sempre, “... as pessoas procuravam abrigar-se das intempéries do tempo, protecção e calor durante o sono. Procuravam cobrir-se.” Elucidando que, “[...] a manta é o detalhe arquitectónico mais antigo.”⁵

Observando a arquitectura de Adolf Loos, com base na ideia de ser constantemente interior, esta pode ser compreendida como uma protecção para o corpo,⁶ do mesmo modo que a roupa que todos necessitamos para proteger o corpo. Os edifícios concebidos por A. Loos desempenhavam uma função específica, a de abrigarem o homem respondendo com eficácia e contemporaneidade às necessidades do seu tempo.

Para A. Loos foi fundamental “...uma revisão crítica da sua actuação, com a suspensão necessária de tudo quanto se tinha construído precedentemente...”⁷, valorizando o progresso assente na história e na tradição clássica em detrimento da invenção. Mas uma invenção que, na sua opinião, apenas era possível no campo da arte.

Nesta acção realista de encarar a arquitectura como uma necessidade básica do homem, residia um dos temas essenciais, mas também mais paradoxais, da forma de A. Loos ver e pensar a arquitectura. Essencial, porque como explica Aldo Rossi, exercia “...uma influência real, precisamente por estar determinada pela necessidade, por um princípio de coerência emanado de toda a sua actividade como homem e como artista”.⁸ Contraditória porque “em A. Loos, a novidade apresentava-se como novidade nas formas de intuição, e esta é a origem

⁴ MIYAKE, Issey, The 2006 Kyoto Prize Commemorative Lectures: Arts and Philosophy, “One Life, One Thread, and One Piece of Cloth: The Work of Issey Miyake” Kyoto, 2006, p. 1.

⁵ LOOS, Adolf, “El Principio del Revestimiento” in “Escritos I 1897/ 1909”, Madrid, El Croquis Editorial, 1993 p. 151.

⁶ QUETGLAS, Josep, “Pasado a Limpio, I”, Barcelona, Editorial Pre-Textos, COAC, 1ª edição, 2002, p. 60.

⁷ ROSSI, Aldo, “Adolf Loos: 1870-1933” (originalmente publicado na Casabella Continuità, n.º 233, 1959), in Para uma Arquitectura de Tendencia, Escritos: 1956-1972, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1977, p. 51.

⁸ Idem, ibidem, p. 51.

mais nobre de uma obra de arte”⁹. Uma intuição que se manifestava no modo como A. Loos construía os problemas do seu tempo, como relacionava passado, presente e futuro. Uma arte em contradição com uma arquitectura que era em primeiro lugar, “apenas”, uma resposta a uma determinada necessidade.

Uma “...sublimação instintiva do conhecimento...”¹⁰ assente, assim como em Álvaro Siza, na observação e na história, tendo por objectivo alcançar no projecto a desejada redução à essência e uma gradual aproximação à matéria.¹¹

A arquitectura assim como o vestuário surgiam em A. Loos de uma necessidade primária assente na procura de reflectir a classe dirigente do seu tempo, mas, a obra de arte, por seu lado, era “... um assunto privado do artista. [...] A obra de arte introduz-se no mundo sem que exista necessidade dela. [...] De igual forma que F. Gluck definiu a personalidade de Adolf Loos, assim definiu o próprio, a arte e a arquitectura,”...a obra de arte é revolucionária, a casa é conservadora. A obra de arte indica novos caminhos [...] A casa pensa no presente.”¹² Para Adolf Loos a arte era revolucionária porque quebrava com os padrões da sua época no modo de ver, pensar e fazer instituído, a arte era inventiva e evolutiva ao invés da arquitectura que era conservadora e tradicionalista frente à quebra de uma lógica progressista assente na procura da diferença. Uma reflexão contraditória que A. Loos conservou ao longo da sua obra escrita ao referir sistematicamente: “Mas a arquitectura é uma arte. Admito.”¹³

Esta dicotomia, transversal a grande parte dos textos de A. Loos e que colide sempre com a “aparente” contradição de que a Arquitectura “também” é arte, é um tema inesgotável do qual ainda hoje coexistem opiniões diversas. Uma problemática que se conserva cem anos passados dos seus escritos e que não é exclusiva do campo da arquitectura.

Quando observamos o vestuário criado por estilistas como Issey Miyake ou Alexander McQueen, Stella McCartney juntamente com maquetas de projectos de arquitectura a figurar entre tantos outros objectos nas colecções permanentes dos Museus de Arte Moderna espalhados por todo o mundo, apercebemo-nos que de facto uma parte seleccionada de vestuários, projectos de arquitectura e outros objectos foram transformados em obras de arte pelo simples facto destes museus os receberem nas suas colecções permanentes.

A transformação de uma série de produtos para o uso quotidiano em expressões artísticas deve-se em grande parte ao incremento da cultura informada pelas imagens de televisão, filmes, vídeos de musica, internet, banda desenhada ou grafitis. Esse incremento gerou uma intersecção da arte, da moda, do design ou da arquitectura com uma cultura jovem ornada de uma visão sofisticada que torna muitas vezes difícil a distinção entre o que é objectivamente uma obra de arte, de um bom “design” ou de um produto vulgar.

O progresso não era para A. Loos a procura da diferença, como arquitecto, ele estava interessado na reformulação da arquitectura de acordo com as características da sociedade em que esta actuava, considerando as “...construções realizadas segundo o espírito da época, aquelas que utilizavam, conscientemente com ajuda dos últimos descobrimentos e experiências, as formas construtivas tradicionais que se usavam antes de se introduzir a ânsia de imitação dos diferentes estilos arquitectónicos”¹⁴.

⁹ Arnold Schoenberg citado por Rossi, ROSSI, in “Aldo, Adolf Loos: 1870-1933” (originalmente publicado na Casabella Continuità, n.º 233, 1959), in Para uma Arquitectura de Tendência, Escritos: 1956-1972, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1977, p. 51.

¹⁰ SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência, pp. 137.

¹¹ SIZA, Álvaro, “Imaginar a evidência”, p. 137.

¹² LOOS, Adolf, “Escritos II 1910/ 1932”, Madrid, El Croquis Editorial, 1993 p. 33.

¹³ Idem, Ibidem p. 32.

¹⁴ Idem, Ibidem p. 123.



Ferran Adrià - Sopa fotografada por Francesc Guillaumet - El Bulli.com

Em A-POC de I. Myake, o verdadeiro interesse não reside unicamente na simplicidade do vestuário, nas suas múltiplas funcionalidades, nem nas formas geométricas que definem a estética do estilista, mas está igualmente naquilo que não podemos ver, o fabrico e todo o desenvolvimento tecnológico inerente. Este aperfeiçoamento dos métodos de produção e a luta pelas melhorias de qualidade de vida, eram preocupações fundamentais no pensamento de A. Loos, que atestavam como referiu A. Rossi a sua profunda raiz humana. “Adolf Loos livrou a Humanidade de trabalho inútil...”¹⁵ explanando de forma clara essas problemáticas e confirmando a supressão do ornamento não por uma vontade estética mas por uma economia de meios ligada aos problemas técnicos do trabalho e da produção. “O carácter de modernidade não vem de um princípio geral abstracto, mas sim de acordo com as características da sociedade em que actua”.¹⁶ Como referiu A. Loos, “...sou consciente de criar valores constantes e não Kitsch decorativos”¹⁷, isto é, o processo de concepção de determinado objecto deveria ter por base a identificação da sua necessidade e da sua história, caso contrário a premência de originalidade e diferença podiam conduzir ao abandono da sua essência.¹⁸

A actualidade de tudo aquilo que criamos está na sua utilidade, ao ornamentar estamos a retirar-lhe duração de uso, porque este, submetido à moda, deverá desaparecer prematuramente.¹⁹ Em *La Cocina al Desnudo*, Santi Santamaria reforça esta ideia ao referir que “...os ofícios são depositários de uma herança transmitida de geração em geração à base da aprendizagem, de modo que evoluçionam e se adaptam aos tempos actuais.”²⁰

¹⁵ QUETGLAS, Josep, “Pasado a Limpio, I”, Barcelona, Editorial Pre-Textos, COAC, 1ª edição, 2002, p. 57.

¹⁶ ROSSI, Aldo, “Adolf Loos: 1870-1933” (originalmente publicado na *Casabella Continuità*, n.º 233, 1959), in *Para uma Arquitectura de Tendência*, Escritos: 1956-1972, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1977, p. 53.

¹⁷ LOOS, Adolf, “Escritos II 1910/ 1932”, Madrid, El Croquis Editorial, 1993 p. 260.

¹⁸ SIZA, Álvaro, “Imaginar a evidência”, p. 133.

¹⁹ LOOS, Adolf, “Escritos II 1910/ 1932”, Madrid, El Croquis Editorial, 1993 p. 217.

²⁰ SANTAMARIA, Santi, “La cocina al desnudo”, Madrid, Ediciones Temas de Hoy, SA, 3ª edição, Julho 2008 p. 176



Santi Santa Maria - Cebola Recheada - Canfabes.com

De forma similar A. Loos defendia que só com base no conhecimento era possível realizar-se algo realmente novo e útil para o seu tempo, aprendendo com a experiência e a tradição o resultado seria sempre actual e inovador adquirindo a desejada autonomia e uma certa singularidade.²¹ “Não se trata de um modelo esgotado ou superado, entendido como “decadente” mas sim de um estilo [...] que resulta extremamente difícil e complexo de criar e manter. É um estilo que muitos definiriam como clássico, sinónimo de tradição e academismo, e antónimo de inovação e vanguarda.”²²

S. Santamaria, com a gastronomia, mantém actual a problemática arte versus ofício através de um tema com grandes similitudes com arquitectura. Veja-se como A. Loos em contraponto aos seus opositores do ornamento esclareceu: “O defensor do ornamento crê que o meu impulso pela simplicidade equivale a uma mortificação. Não, distinto professor da Escola de indústrias artísticas, não me mortifico! Sabe-me melhor assim. Os vistosos guisados dos séculos passados, mostrando toda a classe de ornamentos para fazerem mais apetecíveis os pavões, faisões e as lagostas, produzem em mim o efeito contrário. Com pavor passo por uma exposição de culinária só de pensar em comer esses cadáveres de animais dissecados. Eu como “roastbeef.”²³ E através de S. Santamaria poderíamos concluir esta ideia de A. Loos: “A nossa herança olfactiva está retraída, se bem que não devemos concluir que o olfacto renunciou a procurarmos o prazer. Equivoca-se quem defende uma nova cozinha que tenha nos aromas uma das suas grandes oportunidades. A cozinha denominada molecular recorre aos produtos de laboratório por simples vontade de inovar em nome da ciência, ou é porque realmente considera que o artificial é melhor que o natural? Os cozinheiros que optem por encerrar-se nos seus laboratórios podem chegar a perder o contacto com o território e os seus produtos, da terra e do mar.”²⁴ Mas “...o verdadeiro perigo não é que fulano ou sicrano sigam este caminho, às vezes com um talento imenso, mas sim que os cozinheiros jovens, que possuem dúvidas sobre que caminho a seguir vejam aqui um modelo.”²⁵

Mais do que precedências textuais de Adolf Loos no que diz respeito à actualidade dos seus temas, o que importa salientar desta reflexão é a profundidade e coerência da sua concepção, não só no campo da arquitectura, mas também nas mais diversas áreas. Uma concepção enraizada no mais denso e novo da cultura do século XX, afirmando a reestruturação da linguagem (arquitectónica) com base na legitimação do progresso associado à humanidade, no carácter prático ao mesmo tempo que intuitivo da arquitectura, no valor da história e a sua

²¹ SIZA, Álvaro, “Imaginar a evidência”, p. 133.

²² SANTAMARIA, Santi, “La cocina al desnudo”, Madrid, Ediciones Temas de Hoy, SA, 3ª edição, Julho 2008 p. 170.

²³ LOOS, Adolf, “Escritos I 1897/ 1909”, Madrid, El Croquis Editorial, 1993 p. 349.

²⁴ SANTAMARIA, Santi, “La cocina al desnudo”, Madrid, Ediciones Temas de Hoy, SA, 3ª edição, Julho 2008 p. 37.

²⁵ Idem, Ibidem p. 119.

importância para a construção do presente e a supressão do ornamento determinado pelo desenvolvimento técnico e o progresso.

BIBLIOGRAFIA

- LOOS, Adolf, “Escritos I 1897/ 1909”, Madrid, El Croquis Editorial, 1993
LOOS, Adolf, “Escritos II 1910/ 1932”, Madrid, El Croquis Editorial, 1993
MIYAKE, Issey, The 2006 Kyoto Prize Commemorative Lectures: Arts and Philosophy, “One Life, One Thread, and One Piece of Cloth: The Work of Issey Miyake” Kyoto, 2006
QUETGLAS, Josep, “Pasado a Limpio, I”, Barcelona, Editorial Pre-Textos, COAC, 1ª edição, 2002
ROSSI, “Aldo, Adolf Loos: 1870-1933”, (originalmente publicado na Casabella Continuità, n.º 233, 1959), in Para uma Arquitectura de Tendência, Escritos: 1956-1972, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1977
SANTAMARIA, Santi, “La cocina al desnudo”, Madrid, Ediciones Temas de Hoy, SA, 3ª edição, Julho 2008
SIZA, Álvaro, “Imaginar a evidência”

CÉSAR ALEXANDRE GOMES MACHADO MOREIRA

Porto, 1974. Doutorando na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010, Mestre pela Universidade Lusíada, 2009, Master pelo Politécnico da Catalunha, 2000 e Licenciado pela Universidade Lusíada, 1998. Colaborador do Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design e do Centro de Estudos Arnaldo Araújo. É docente da Universidade Lusíada da cadeira de projecto III desde 2001. É sócio do atelier EZZO, responsável por uma série de projectos de arquitectura e design. Desde de 2006 que o seu trabalho está publicado em diversas publicações nacionais e internacionais e representado em exposições.